10.22481/redupa.v5i5.21088

ARTIGO

# A VIOLÊNCIA ESCOLAR SOB O OLHAR SOCIOLÓGICO: UMA REVISÃO TEÓRICA SOBRE SEUS IMPACTOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

SCHOOL VIOLENCE FROM A SOCIOLOGICAL PERSPECTIVE: A THEORETICAL REVIEW OF ITS IMPACTS ON THE TEACHING-LEARNING PROCESS

LA VIOLENCIA ESCOLAR BAJO LA MIRADA SOCIOLÓGICA: UNA REVISIÓN TEÓRICA SOBRE SUS IMPACTOS EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE

Manuel Mfinda Pedro Marques[1] 0009-0002-6753-2848
José Rodrigues Jamba Segunda[2] 0009-0001-9258-3658

[1]Universidade Federal do ABC – São Bernado do Campo, São Paulo, Brasil; manuel.marques@ufabc.edu.br
[2]Universidade do Estado de Santa Catarina – Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; joserodrigues1452@outlook.com

**RESUMO:**
A violência escolar configura-se como um dos principais desafios enfrentados pelas instituições educacionais na contemporaneidade. Este fenômeno social manifesta-se de diversas formas no ambiente acadêmico, comprometendo significativamente o processo de ensino-aprendizagem. O presente artigo objetiva analisar os efeitos da violência escolar no desempenho acadêmico de estudantes nas escolas brasileiras, sob uma perspectiva sociológica. Quanto à metodologia, trata-se de um estudo de natureza qualitativa, baseado em revisão bibliográfica. Os resultados demonstram que a violência escolar não é um fenômeno isolado, mas está intrinsecamente associada a fatores sociais, econômicos, culturais e institucionais. Observa-se que o ambiente escolar, quando marcado por conflitos e insegurança, impacta negativamente o rendimento dos discentes, dificultando a aprendizagem e fomentando a desmotivação e a evasão escolar.
**Palavras-chave:** violência escolar; desempenho académico; ambiente escolar; sociologia da educação.

**ABSTRACT:**
School violence stands as one of the primary challenges faced by educational institutions in contemporary times. This social phenomenon manifests in various forms within the academic environment, significantly undermining the teaching-learning process. This article aims to analyze the effects of school violence on the academic performance of students in Brazilian schools from a sociological perspective. Regarding the methodology, this is a qualitative study based on a literature review. The results demonstrate that school violence is not an isolated phenomenon but is intrinsically linked to social, economic, cultural, and institutional factors. It is observed that the school environment, when marked by conflict and insecurity, negatively impacts student performance, hindering learning and fostering demotivation and school dropout.


RECEBIDO: 05 de junho de 2026 APROVADO: 27 de outubro de 2026 PUBLICADO: 06 de novembro de 2026

**Keywords:** school violence; academic performance; school environment; sociology of education.

**RESUMEN:**
La violencia escolar se configura como uno de los principales desafíos que enfrentan las instituciones educativas en la contemporaneidad. Este fenómeno social se manifiesta de diversas formas en el ámbito académico, comprometiendo significativamente el proceso de enseñanza-aprendizaje. El presente artículo tiene como objetivo analizar los efectos de la violencia escolar en el rendimiento académico de los estudiantes en las escuelas brasileñas, bajo una perspectiva sociológica. En cuanto a la metodología, se trata de un estudio de naturaleza cualitativa, basado en una revisión bibliográfica. Los resultados demuestran que la violencia escolar no es un fenómeno aislado, sino que está intrínsecamente asociada a factores sociales, económicos, culturales e institucionales. Se observa que el entorno escolar, cuando está marcado por conflictos e inseguridad, impacta negativamente en el rendimiento de los discentes, dificultando el aprendizaje y fomentando la desmotivación y la deserción escolar.
**Palabras clave:** violencia escolar; rendimiento académico; ambiente escolar; sociología de la educación.

# Introdução

O presente estudo investiga as repercussões da violência escolar no desempenho acadêmico discente. O arcabouço teórico recente postula que a violência nas instituições de ensino reflete dinâmicas comportamentais, individuais e coletivas, que reverberam na sociedade. Pesquisas na área reiteram a natureza complexa e alarmante do fenômeno, o qual demanda análises sob prismas multidisciplinares. Conforme Nunes (2025), argumenta que as manifestações de violência se pautam em discursos de ódio e no *bullying*, evidenciando um aumento crítico nas taxas de agressões e ataques sistêmicos protagonizados por jovens. Essa conjuntura reforça a tese de que a violência escolar não se limita a episódios isolados de agressão física, mas engloba um espectro amplo de práticas ilícitas e simbólicas que comprometem o ambiente educativo.

De acordo com Nunes (2025), o debate sobre a violência escolar contemporânea revela uma dimensão crítica, impulsionada pela apologia ao nazismo e pela organização de grupos extremistas em plataformas digitais. Sob essa ótica, a compreensão desse fenômeno exige a análise dos diversos processos que redimensionam a violência no ambiente educativo. A historiografia do tema no Brasil remonta à década de 1990, fundamentada nos estudos precursores de Guimarães (1990), Adorno (1992), Zaluar (1992; 2001), Abramovay (2005), Sposito (1998) e Schilling (2004). De modo geral, essas investigações priorizaram a análise da violência patrimonial, dos conflitos interpessoais e das manifestações de violência simbólica.

A violência no ambiente escolar contemporâneo exige análise e compreensão cuidadosas para uma melhor apreensão de sua dinâmica. Trata-se de um fenômeno social complexo que afeta o comportamento dos estudantes e requer o desenvolvimento de políticas educacionais efetivas. De acordo com Sposito (2001), a violência escolar manifesta-se como uma questão social associada a diversas formas de expressão agressiva nesse contexto. Conforme Wieviorka (1997), esse fenômeno desencadeia conflitos que se perpetuam por meio de condutas negativas e práticas discriminatória, impactando diretamente o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

Em consonância com as premissas anteriormente expostas as quais indicam que a violência escolar emerge de práticas discriminatórias e outras formas de hostilidade, parte da literatura especializada argumenta que o fenômeno é, frequentemente, naturalizado e negligenciado. Vinha (2023), ressalta que as manifestações contemporâneas de violência nas instituições de ensino transcendem as ocorrências cotidianas, assumindo contornos de letalidade e formas severas de agressão interpessoal. Na perspectiva de Bacchetto (2024), ao sistematizar indicadores de violência escolar com base nos dados do SAEB, constata-se que o fenômeno é recorrente no cotidiano educacional em diversos contextos nacionais. O autor postula que o termo tem sido empregado de forma abrangente para caracterizar desde condutas delituosas até práticas de violência simbólica. Complementarmente, Furlong e Morrison (2000) definem a violência escolar como um fenômeno complexo que engloba atos infracionais e agressões, os quais comprometem o desenvolvimento biopsicossocial e o processo de aprendizagem dos discentes.

Para Guimarães (2017, p. 4):

> É preciso construir práticas organizacionais e pedagógicas que levem em conta as características das crianças e jovens que hoje frequentam as escolas. A organização do ano escolar, dos programas, das aulas, a arquitetura dos prédios e sua conservação não podem estar distantes do gosto e das necessidades dos alunos, pois, quando a escola não tem significado para eles, a mesma energia que leva ao envolvimento, ao interesse, pode transformar-se em apatia ou explodir em indisciplina e violência.

A partir desse panorama, o fenômeno violência nas escolas é entendido como uma construção social que impõe um grau de superioridade sobre os outros. Abramovay (2016), em sua pesquisa sobre violência escolar no Brasil, fez um levantamento a partir de vivências e experiências da comunidade escolar, destacando a percepção dos estudantes acerca das ocorrências de violências mais comuns no contexto escolar.

Sob esse prisma, a violência escolar pode ser interpretada a partir de múltiplas matrizes teóricas. Sob a ótica de Durkheim (2007, p. 3), o conceito de fato social é empregado para

designar fenômenos que apresentam generalidade e exercem coerção externa sobre os indivíduos. Nesse sentido, é possível compreender a violência no ambiente escolar como um fato social, moldado pelas dinâmicas coletivas e pela realidade na qual os sujeitos estão inseridos. Complementarmente, Andrade (2011) postula que a violência escolar é uma problemática que transcende os limites físicos da instituição, configurando-se como uma forma de exclusão e opressão que culmina no fracasso acadêmico. Nessa perspectiva, o autor evidencia a natureza multidimensional da violência que se manifesta e se reproduz no interior do ambiente escolar.

Os estudos recentes evidenciam uma preocupação em discutir esse fenômeno no espaço escolar, vê-se a necessidade de compreender as transformações que ocorrem nesse processo e como lidar com essa situação que se manifesta como um problema que afeta a escola e a sociedade de modo geral. Charlot (2002), amplia a discussão do conceito de violência escolar, observando vários níveis e enfatizando a pluralidade da concepção de violência a partir do vandalismo, bullying, agressões físicas etc.

Desse modo, é importante ressaltar como os estudos discutem a abordagem violência no âmbito institucional ou escolar, incluindo o comportamento dos indivíduos nas escolas e na sociedade. Assim sendo, é preciso investigar as contribuições e o conceito de violência a partir da análise da violência simbólica e do bullying. Neste contexto, a concepção proposta por Charlot (2002), nos permite refletir a respeito desse fenômeno e como eles se apresentam no cotidiano escolar e na sociedade a partir das ações dos sujeitos escolares.

Dados do DataSenado (2023), indicam que 90% da população brasileira está preocupada com o aumento da violência escolar, enquanto 69% dos estudantes afirmam perceber seu ambiente escolar como violento (Agência Brasil, 2023). Além disso, a literatura aponta que a violência escolar não é apenas reflexo da violência urbana ou familiar, mas também resultado das dinâmicas internas da própria escola, exigindo um olhar atento sobre o papel das políticas educacionais, da gestão escolar e do clima institucional.

De acordo com o relatório Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental (2023), esse tipo de violência tem se tornado mais frequente nas instituições educacionais e na sociedade em geral. O relatório aponta que muitos desses eventos são precedidos por sinais de alertas, como o isolamento social, o bullying, a negligência familiar e o consumo de conteúdos violentos na internet. Nesse sentido, a violência escolar é um problema social e pode ser vista de forma isolada, ela reflete problemas estruturais mais amplos, como a exclusão social, a precarização da educação e a ausência de políticas públicas eficazes de prevenção.

Para compreender os ataques às escolas a partir da perspectiva da violência, é necessário reconhecer que se trata de um problema complexo na construção de uma cultura de paz no ambiente escolar. Pulcino e Ferrari (2023) propõem uma reflexão crítica e sensível sobre os atuais discursos de medo que cercam a educação brasileira. A partir da análise de episódios de violência escolar e da forma como esses eventos são narrados pelas mídias, os autores problematizam o fortalecimento de um pânico moral que mobiliza respostas simplistas, repressivas e muitas vezes ineficazes por parte do Estado e da sociedade.

Ainda os autores percebem que o pânico moral se constitui quando determinadas situações são intensamente dramatizadas e transformadas em ameaça generalizada, gerando medo coletivo e exigindo ações imediatas, quase sempre baseadas na punição e no controle. No caso dessa escola, esse fenômeno tem se manifestado por meio da militarização do ensino, da vigilância constante e da naturalização de medidas de segurança que pouco dialogam com os reais problemas vividos pelas comunidades escolares. O artigo levanta como pergunta de partida: De que forma às novas dinâmicas de violência escolar impactam no desempenho acadêmico discente?

A violência no ambiente escolar tem se constituído como um dos grandes desafios da educação contemporânea, afetando diretamente o processo de ensino-aprendizagem e o bem-estar de estudantes, professores e demais profissionais da escola. Conforme discutido por Silva e Bortot (2025), a violência escolar vai além de agressões físicas ou verbais, manifestando-se também em formas simbólicas, estruturais e institucionais que muitas vezes são invisibilizadas no cotidiano escolar. Os autores ressaltam que a violência nas escolas deve ser compreendida em articulação com o contexto social mais amplo em que está inserida, e não de forma isolada. A escola, como espaço social, reflete tensões, desigualdades e conflitos próprios da sociedade. Assim, fatores como racismo, desigualdade social, discriminação de gênero, ausência de políticas públicas efetivas e desvalorização da educação influenciam diretamente nas dinâmicas de violência dentro da escola.

Segundo Silva e Bortot (2025), enfatizam a importância de não naturalizar a violência no espaço escolar. É comum que atitudes agressivas, práticas de exclusão ou humilhação entre estudantes sejam tratadas como “brincadeiras” ou “problemas individuais”, sem o devido reconhecimento de que se trata de um fenômeno complexo, que exige uma abordagem coletiva, crítica e interdisciplinar. Diante desse cenário, os autores propõem a construção de uma cultura de paz como alternativa concreta e necessária. Isso não significa apenas a ausência de conflito, mas sim a promoção de práticas pedagógicas e relacionais baseadas no diálogo, no respeito mútuo, na justiça social e na valorização das diferenças.

Todavia, combater a violência escolar pressupõe ir além de mecanismos disciplinares, requerendo a consolidação da escola como local de alteridade e desenvolvimento integral. É urgente a reconfiguração das relações interpessoais e a superação de práticas autoritárias, promovendo uma formação voltada à paz e à solidariedade.

Quanto à organização deste estudo, a seção inicial introduz o fenômeno e suas balizas teóricas; a etapa subsequente descreve a metodologia empregada; e o capítulo final expõe os resultados e debates. Tais discussões abordam a violência escolar enquanto desafio contemporâneo, articulando sua definição a partir dos prismas sociológico, educacional e psicológico, seguidas pelas considerações finais

# Metodologia

Este artigo caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, fundamentado em uma revisão bibliográfica sobre a temática da violência escolar. A escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender o fenômeno a partir das contribuições teóricas e analíticas presentes na literatura acadêmica.

As buscas foram realizadas nas seguintes bases de dados e repositórios: SciELO, Google Acadêmico, Banco de Teses e Dissertações da CAPES e repositórios institucionais. Para o levantamento dos documentos, utilizaram-se os descritores e termos de busca: “violência escolar”, “desempenho acadêmico”, “evasão escolar”, “clima escolar” e “sociologia da educação”, considerando um recorte temporal compreendido entre 2000 e 2025.

Como critérios de inclusão, consideraram-se livros, artigos revisados por pares, teses, dissertações e relatórios oficiais focados nos impactos acadêmicos e no clima escolar, com o intuito de contemplar diferentes perspectivas teóricas, incluindo a sociologia da educação, a psicologia social e as políticas públicas educacionais.

A seleção final dos estudos fundamentou-se na técnica de análise de conteúdo. Embora não se especifique um quantitativo numérico rígido de trabalhos filtrados, a pesquisa debruçou-se sobre um amplo escopo bibliográfico.

O procedimento de análise foi conduzido por meio de leitura crítica e interpretação dos principais argumentos apresentados pelos autores. A partir desse processo, buscou-se identificar os fatores que contribuem para a ocorrência da violência escolar, suas diferentes formas de manifestação e os efeitos desse fenômeno sobre o desempenho acadêmico dos estudantes. Dessa forma, a metodologia adotada permitiu construir uma reflexão teórica consistente, possibilitando apreender a complexidade da violência no contexto educacional

# Resultados e Discussões

## Formas e causas da Violência Escolar

A literatura científica aponta que a violência escolar é um fenômeno heterogêneo que não pode ser dissociado das desigualdades estruturais da sociedade brasileira (Sposito, 2001; Debarbieux, 2006). Dessa forma, longe de constituir um evento isolado, a violência manifesta-se de múltiplas maneiras, englobando agressões físicas e verbais, vandalismo, ameaças, intimidação sistemática e bullying (Abramovay, 2016; Debarbieux, 2006). Além dessas formas tradicionais, observa-se recentemente uma preocupante expansão desse fenômeno em direção à letalidade e aos discursos de ódio organizados no ambiente digital (Vinha, 2023; Nunes, 2025).

No que concerne às causas, os estudos destacam uma profunda articulação entre fatores micro e macroestruturais (Sposito, 2001; Passos, Santos & Medeiros, 2020; Luz, 2021). Por um lado, as vulnerabilidades socioeconômicas, as desigualdades territoriais e os contextos de violência comunitária penetram o cotidiano escolar, criando focos contínuos de tensão (Abramovay e Rua, 2002; Luz, 2021).

Campos e Brito (2019) evidenciam a dimensão epidemiológica do problema ao demonstrarem que discentes do sexo masculino em situação de vulnerabilidade estão assimetricamente expostos, atuando tanto como vítimas quanto como agressores.

Ademais, a análise não pode desconsiderar a responsabilidade da própria instituição escolar na gênese e na perpetuação dos conflitos. Fatores como a precarização das condições físicas, a escassez de recursos pedagógicos e a rigidez burocrática atuam diretamente como geradores de apatia e indisciplina (Guimarães, 2017).

Desse modo, a literatura converge ao postular que a violência escolar não surge de forma espontânea, mas resulta do encontro entre as contradições sociais externas e as fragilidades organizacionais internas da escola.

## Impactos no processo de Ensino-Aprendizagem e no Desempenho Acadêmico

As evidências reunidas demonstram que a exposição à violência escolar compromete de forma severa o rendimento acadêmico dos estudantes através de múltiplos mecanismos psicológicos e pedagógicos. Ambientes escolares marcados pela insegurança diária geram altos níveis de estresse, ansiedade e medo crônico, o que afeta diretamente a capacidade de atenção,

a memória e o engajamento dos discentes nas atividades escolares (Abramovay e Rua, 2002; Arrúa et al., 2019; Furlong e Morrison, 2000).

Nessa perspectiva, Andrade (2011), destaca que a violência atua como um vetor direto de exclusão e opressão, culminando em reprovação e fracasso acadêmico. Esse cenário desenha um ciclo progressivo de desengajamento apontado pela literatura teórica e empírica: o estudante, ao se ver vítima ou testemunha de episódios recorrentes de violência, passa a manifestar desmotivação, absenteísmo e quedas drásticas em seu rendimento, o que frequentemente desemboca no abandono e na evasão escolar (Violeta, 2020; Bacchetto, 2024).

Por conseguinte, consolida-se um consenso entre os pesquisadores de que o direito à aprendizagem só se efetiva mediante a garantia de um ambiente psicologicamente seguro (Wieviorka, 1997; Abramovay & Rua, 2002). Consequentemente, a degradação desse cotidiano aprofunda as desigualdades educacionais, penalizando de maneira mais drástica os estudantes oriundos de menores níveis socioeconômicos (Andrade, 2011; Sposito, 2001).

## Repercussões no trabalho docente e no clima institucional

Os reflexos da violência escolar ultrapassam o âmbito puramente discente, afetando profundamente a saúde dos profissionais da educação e a estabilidade do clima institucional. A presença de conflitos frequentes e de incivilidade gera um estado de alerta constante entre os professores, acarretando desgaste emocional, adoecimento e índices elevados de absenteísmo docente (Debarbieux, 2002), o que compromete a qualidade do ensino e a continuidade dos projetos pedagógicos.

Na visão sociológica, observa-se que a crise de autoridade e a perda do sentimento de pertencimento transformam a escola em um espaço de forte tensão interpessoal (Pain, 2010; Spink, 1999). Diante dessa instabilidade, discursos positivistas tendem a emergir na comunidade escolar, fomentando medidas de controle fundamentadas no pânico moral (Pulcino, Ferrari e Teixeira, 2025).

Contudo, contrariando essas saídas imediatistas, Silva e Casco (2021), alertam que estratégias baseadas unicamente no endurecimento disciplinar, na vigilância ostensiva ou na militarização falham em solucionar as raízes do problema. Tais medidas coercitivas tendem a aprofundar a exclusão de grupos vulneráveis e a acentuar a violência simbólica descrita por Bourdieu (2010), distanciando-se do objetivo central de restabelecer a confiança no espaço educativo.

## Estratégias de Prevenção e Enfrentamento: da Gestão à Cultura de Paz

Diante da complexidade do fenômeno, o enfrentamento eficaz da violência escolar exige a transição de um modelo puramente repressivo para ações preventivas, formativas e integradas. Nesse sentido, a literatura enfatiza a urgência de fortalecer a formação inicial e continuada dos professores, capacitando-os para a gestão democrática da sala de aula e para a mediação de conflitos (Tavares, Pereira e Rodrigues, 2013; Andrade, 2011).

Autores como Silva e Bortot (2025), sustentam que a construção de uma cultura de paz deve ser o eixo estruturante das políticas educacionais. Essa cultura não se resume à mera ausência de conflitos, mas fundamenta-se no desenvolvimento de práticas pedagógicas dialógicas orientadas pelo respeito mútuo, pela alteridade e pela justiça social.

A sustentação teórica de Durkheim (2007), permite compreender que a escola desempenha um papel fundamental na coesão social e na transmissão de regras morais essenciais para a vida em coletividade. Desse modo, o fortalecimento dos laços comunitários e a internalização de normas de convivência pacífica combinados com as reflexões de Elias (1973), sobre o processo civilizatório revelam-se fundamentais para conter a desintegração social e o contágio agressivo entre os jovens (Nogueira, 2007).

Articulando essas perspectivas com o pensamento de Bauman (2001), acerca da fragilidade das relações contemporâneas, constata-se que a instituição escolar precisa reassumir sua função primordial como espaço de acolhimento e pertencimento. Logo, conclui-se que a atuação articulada entre escola, família, comunidade e políticas públicas intersetoriais constitui a via mais sustentável para transformar essa realidade (Brasil, 2023b; Passos, Santos e Medeiros, 2020).

## Violência Escolar: Um Desafio Para Educação Contemporânea

A violência escolar tem se consolidado como um dos maiores desafios enfrentados pelas instituições educacionais na contemporaneidade. Nesta seção, abordaremos a questão da violência escolar como um dos desafios da atualidade. Diversas pesquisas acadêmicas demonstram que a violência escolar não é um fenômeno isolado ou restrito ao espaço físico da escola, uma vez que se manifesta de forma complexa e envolve fatores sociais, econômicos, culturais e institucionais. Os estudos recentes sobre o tema tornam evidente a necessidade de

compreendermos suas múltiplas dimensões, causas e consequências para construção de estratégias e políticas de enfrentamento.

Nessa perspectiva, a violência escolar é um fenômeno que afeta diretamente o ambiente escolar, comprometendo o processo de ensino-aprendizagem do aluno na escola. Esta surge de diversas formas, como por meio de agressões físicas, bullying e ameaças e ações mais graves. Tanto é que Passo, Santos e Medeiros (2020), no estudo realizado pelos autores, com o título Violência na escola pública: o que apontam tese e dissertações (2012-2019)?, analisou-se por meio de pesquisas já existentes que abordam sobre a temática, sublinhando que a violência escolar está fortemente relacionada ao contexto socioeconômico e às condições estruturais das escolas públicas. Autores identificam que a maioria dos trabalhos apontam para a necessidade de políticas públicas integradas e a valorização de práticas pedagógicas que promovam o diálogo e o respeito e a inclusão.

De acordo com Luz (2021), ressalta que o fenômeno está ligado tanto a fatores de risco, como contextos familiares desestruturados, desigualdades sociais e exposição à violência comunitária, quanto ao fortalecimento da autoestima dos estudantes e o desenvolvimento de vínculos afetivos com a escola. A análise epidemiológica de Campos e Brito (2019), por sua vez, evidencia a predominância das violências de ordem física, psicológica, sexual, além do bullying nas escolas brasileiras. O estudo revela, ainda, o perfil recorrente das vítimas e dos agressores, indicando que alunos do sexo masculino, oriundo de contextos vulneráreis, estão mais expostos a essas formas de agressão.

E, com base nisso, consideramos que é fundamental abordarmos a violência escolar como um desafio na contemporaneidade. Assim sendo, a violência escolar tende a apresentar queda nos rendimentos, desmotivação, transtorno emocional e abandono escolar. De acordo com Santos e Rodrigues (2015), a violência escolar é um fenômeno complexo e ambíguo que gera várias interpretações e interpretações vinculadas ao campo educacional. Segundo Bauman (2001), a sociedade atual lida com uma ameaça contínua. Assim, a questão da violência na escola tem se tornado um campo de estudo e debate ligado à violência no contexto escolar. Pois é fundamental para se pensar e explicar sistemicamente o fenômeno da violência na escola em diversos contexto do cotidiano no campo da educação.

Para Chrispino, Melo e Chrispino (2024), com base na análise das redes sociais feitas pelos autores, identificaram que um dos principais temas que orbitam os estudos sobre violências escolares no Brasil, está ligado a questões como o *bullying*, a indisciplina e os direitos das crianças e adolescentes. Vale ressaltar a importância da compreensão desse fenômeno como ferramenta para orientar políticas educacionais eficazes.

Entretanto, a compreensão da complexidade que se dá o estudo sobre violência escolar direcionado a uma multidimensional exige uma resposta complexa. Tanto que o enfrentamento desse problema perpassa atos violentos, sobretudo na promoção de uma educação humanizadora, valorização do diálogo e construção de ambientes escolares seguros. O estudo sobre violência na escola desenvolvido por outros pesquisadores, como Marsiglia (2015, p. 90), aponta que "a violência instaurada vai além do aspecto físico e se revela igualmente na insensibilidade frente ao observado". Para a autora, "as pesquisas oferecem contribuições significativas para o aprofundamento das análises sobre o fenômeno da violência na escola que por ser um fenômeno multifacetado demanda uma pluralidade de estudos e de enfoques" (Marsiglia, 2015, p. 90).

Conforme nos ilustra Silva (2016), em sua dissertação "o território da incivilidade na manifestação da violência na escola: um olhar nas violências intramurais", o fenômeno da violência possui uma ramificação dentro do contexto escolar, expressando-se de múltiplas formas e atravessando as relações cotidianas entre estudantes, professores, gestores e demais membros da comunidade escolar. A autora evidencia que a escola, embora concebida como um espaço de socialização e aprendizagem, também pode se tornar um território de tensões, conflitos e práticas de invencibilidade que refletem desigualdade social, disputas de poder e ausência de diálogo.

Essas manifestações de violência não se limitam a atos físicos, mas incluem agressões verbais, discriminação, práticas simbólicas que comprometem o ambiente educativo e a saúde emocional dos envolvidos. Assim, compreende-se que a violência escolar, enraizada em dinâmicas sociais mais ampla, exige uma abordagem crítica e contextualizada para sua compreensão e enfrentamento. Segundo Arrúa et al. (2019), compreendem que a violência escolar compromete o processo de ensino-aprendizagem e gera insegurança, medo, evasão escolar e dificuldades emocionais entre estudantes e docentes. É essencial que a escola desenvolva ações voltadas à escuta ativa, ao acolhimento emocional e à construção de uma cultura de paz e respeito mútuo.

## A Construção do Conceito de Violência Escolar a Partir das Perspectivas Sociológica, Educacional e Psicológica

Na última década, a discussão pública e acadêmica acerca da violência nas instituições de ensino tornou-se mais proeminente. Contudo, esse debate é frequentemente permeado por situações conceituais que comprometem uma interpretação precisa do fenômeno.

No contexto educacional, assim como à luz da sociologia e da psicologia social, é fundamental estabelecer distinções claras entre as diferentes manifestações presentes no ambiente escolar. Sob a ótica sociológica, busca-se compreender a evolução do fenômeno social denominado violência escolar, por meio de uma análise crítica das principais evidências e dos estereótipos sociais relacionados a essa questão. Dessa forma, a violência escolar pode ser definida como um ato que se manifesta entre alunos adolescentes no âmbito das escolas.

Desde 1996, o Relatório da Organização Mundial da Saúde (2002) reconhece a violência como um problema de saúde pública global. A OMS definiu-a como a utilização intencional de força física ou poder contra si próprio, outras pessoas, grupos ou comunidades, que possa resultar em lesões, morte, danos psicológicos, prejuízos ao desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

De acordo com Durkheim (2007), descreve a violência escolar como um comportamento agressivo perpetrado por jovens e adolescentes no contexto educacional. Neste cenário, o objetivo não é discutir todos os campos de conhecimento que oferecem perspectivas sobre o fenômeno da violência, mas reconhecer, como ressaltado por Michaud (1989), que a violência envolve pressupostos que nem sempre abrangem todas as circunstâncias possíveis. O autor argumenta que não existe um conhecimento universal acerca da violência, uma vez que cada sociedade lida com manifestações semelhantes desse fenômeno segundo critérios de análise específicos.

Segundo Debarbieux (2002) compreende que a violência possibilita a expansão dos critérios teóricos e práticos. Pode-se entender que a violência no ambiente escolar é uma consequência de uma degradação civil e global. No entanto, a violência nas escolas é bastante desigual, sendo predominante em escolas situadas em contextos sociais menos carregados com presenças de grupos sociais.

Neste contexto, o debate sobre a violência escolar envolve, de modo geral, preocupações com a segurança de crianças, adolescentes e jovens. Pode-se dizer que a violência escolar é um fenômeno decorrente de uma degradação social e global. Contudo, ela não se distribui de forma homogênea: tende a ocorrer com maior intensidade em escolas situadas em contextos socialmente desfavorecidos, muitas vezes marcados pela presença de grupos sociais em situação de vulnerabilidade.

Assim, torna-se necessário reconhecer que o sentimento de insegurança e a exposição à violência, seja por meio de delitos ou de incivilidades, se manifestam sobretudo nesses ambientes. De acordo com Monteiro e Saravali (2010), sob a perspectiva da psicanálise, a violência está ligada a um instinto inato de agressão presente em todos os indivíduos, sendo

papel da sociedade controlá-lo por meio de uma educação adequada. Nessa linha, as teorias sociais e de aprendizagem compreendem a violência como um fenômeno que se expressa em comportamentos agressivos.

Para Stelko Pereira e William (2010), em pesquisa voltada à reflexão sobre o conceito de violência na escola, são entendidas como agressões dirigidas tanto contra pessoas quanto contra o patrimônio. Para esses autores, a violência está presente tanto no interior quanto no entorno escolar, manifestando-se também em condutas desordenadas dos alunos. Segundo Zaluar e Leal (2001), o comportamento agressivo pode surgir da desconexão entre os papéis sociais esperados e a realidade vivenciada pelos indivíduos.

A violência no ambiente escolar, portanto, configura-se como um tema complexo e multifacetado, de interesse tanto para a psicologia social quanto para a sociologia. Longe de se restringir a conflitos físicos entre alunos, ela é influenciada por fatores estruturais, simbólicos e relacionais, refletindo dinâmicas sociais mais amplas.

No campo da psicologia social, a violência escolar é vista como um processo relacional, em que se evidencia disparidade de poder, dinâmicas de exclusão e processo de identidade. Nesse sentido, Pereira (2002), ao investigar o cotidiano escolar por meio da perspectiva da psicologia social crítica que a violência se configura nas interações entre os indivíduos e não pode ser compreendida de maneira isolada dos contextos sociais e institucionais nos quais está inserida. Ainda assim, a autora defende que atitudes violentas, como *bullying* ou desordem, são manifestações de conflito que envolvem relações de poder, identidade e reconhecimento.

Spink (1999), no mesmo campo, examina os discursos acerca da violência escolar, demonstrando como eles geram significados que afetam tanto as práticas de ensino quanto as políticas públicas. Conforme salientam Silva e Casco (2021), os significados atribuídos a violência se encontram em contestação e são socialmente frequentemente sendo utilizados para fortalecer os processos de controle e exclusão de certos grupos.

Na visão da sociologia, a violência no ambiente escolar é comumente examinada como um reflexo das contradições sociais mais abrangentes que permeiam as instituições de ensino. Bourdieu (2010), ao discutir a violência simbólica, oferece uma contribuição significativa para entender como a escola, apesar de aparentar neutralidade, pode perpetuar a desigualdade social por meio da imposição de hábitos dominantes.

Assim, para a sociologia e a psicologia social, a violência no ambiente escolar não pode ser reduzida a atitudes desconectadas de seus contextos. Trata-se de um fenômeno que emerge das interações sociais, das disparidades estruturais e dos significados atribuídos à escola e ao ensino por diferentes indivíduos.

Segundo Pain (2010), ao analisar os desafios da escola diante da violência e da globalização, revela que a violência pode ser vista como uma relação, ainda que não intencional, que frustra expectativas e resulta da falta de reconhecimento. Segundo o autor, quando a escola falha em atender aos anseios de inclusão social e mobilidade de certos grupos, ela se transforma em um ambiente tenso, no qual a violência emerge como uma possibilidade diante da exclusão simbólica e material. Desse modo, a escola contemporânea é vista como um ambiente em crise, onde os padrões de autoridades e os princípios tradicionais colidem com as necessidades de autonomia e reconhecimento dos jovens.

A partir da abordagem de Passos, Santos e Medeiros (2021), a escola é atravessada por uma cultura de violência, enraizada em dinâmicas sociais mais amplas que envolvem desigualdade, exclusão e processo de marginalização. Essa violência manifesta-se tanto nas formas físicas e simbólicas entre alunos quanto nas relações entre estudantes, professores e as instituições.

Sobre a perspectiva sociológica, a violência escolar é interpretada como uma expressão da cidadania dilacerada, ou seja, da falência das instituições em garantir direitos, inclusão e dignidade para todos. Quando a escola deixa de ser um espaço de construção da cidadania e passa a reproduzir desigualdade estrutural, ela contribui para o agravamento das tensões e conflitos. A ocorrência de violência evidencia a falência dos métodos convencionais de controle social, que já não conseguem mais solucionar conflitos e fomentar o sentimento de pertencimento e respeito mútuo.

Na dissertação de Violeta (2020), a partir da escuta atenta de professores de Sociologia atuantes nas escolas públicas de Fortaleza, evidencia-se como essa violência impacta diretamente o processo de ensino-aprendizagem, além de comprometer o ambiente escolar como um todo. Ainda seguindo esse pensamento, a autora compreende que a violência escolar não pode ser vista de modo isolado do contexto social ao qual pertence. Assim, ela associa às manifestações da violência à exclusão social, ressaltando que a violência escolar surge como reflexo da marginalização.

A violência escolar, quando observada sob o prisma da sociologia, revela-se como um fenômeno profundamente relacionado às dinâmicas sociais e aos processos de formação da convivência. Nogueira (2007), em seu estudo intitulado Violência nas escolas e juventude: um estudo sobre *bullying* escolar, analisa o bullying e outras formas de violências nas escolas não como desvios individuais ou atitudes isoladas, mas como manifestação de processo sociais mais abrangentes. Para Norbert Elias (1973), esse processo não é linear nem homogêneo, ele está sujeito a avanços e retrocessos, refletindo as tensões entre o controle social formal e as pulsões

individuais. Quando esse equilíbrio se rompe, surgem expressões de incivilidade, como o bullying, a agressão verbal e a exclusão simbólica, que indicam falhas nos mecanismos de socialização e na internalização das normas de convivência.

Nogueira (2007), retoma essa noção para mostrar como o comportamento agressivo entre jovens não nasce de motivação puramente individuais, mas é reproduzido e amplificado dentro de grupos, ganhando legitimidade na cultura escolar. Assim, a violência escolar pode ser vista como uma forma de contágio social, no qual atos violentos são copiados, reforçados e naturalizados como práticas normas de sociabilidade juvenil.

Segundo Tavares e Rodrigo (2013), discutem a construção do conceito de violência escolar sob uma perspectiva sociológica e educacional. Ao estabelecer diálogo com pensadores como Zygmunt Bauman (2001) e Bernard Charlot (2002), refletem sobre a importância da formação docente no enfrentamento desse fenômeno. Os autores buscam mostrar que a violência não deve ser vista apenas como um erro ou problema comportamental, mas como reflexo da vulnerabilidade estrutural das escolas e da sociedade.

Dessa forma, a violência escolar é entendida como um fenômeno que exige uma abordagem integrada entre a sociedade, a escola e o sujeito. A proposta dos autores aponta para uma ação docente mais reflexiva, crítica e comprometida com a transformação social, que reconheça o conflito como parte da realidade escolar, mas que também desenvolvam estratégias pedagógicas para transformá-lo em aprendizado coletivo e emancipador.

A partir de uma visão sociológica, compreende-se a violência escolar à luz das mudanças nas relações sociais na modernidade tardia, enfatizando a análise de Bauman (2001) sobre a fluidez das interações humanas, a debilidade dos laços comunitários e a individualidade. A violência, nesse sentido, torna-se um sintoma da crise de pertencimento e da exclusão social vivida por muitos estudantes.

## Considerações finais

Portanto, o estudo centralizou-se na análise dos efeitos da violência escolar no desempenho acadêmico dos estudantes. Trata-se de um estudo de grande relevância social e acadêmica baseado em políticas educacionais traçadas pelo estado. A violência escolar constitui um desafio significativo para a educação contemporânea, especialmente em contextos marcados por desigualdades sociais e vulnerabilidade socioeconômica. Conforme evidenciado ao longo deste estudo, trata-se de um fenômeno complexo que envolve múltiplos fatores sociais, institucionais e culturais.

A análise da literatura permitiu compreender que a violência no ambiente escolar pode assumir diversas formas, afetando diretamente o clima escolar e o processo de aprendizagem dos estudantes. Ambientes marcados por conflitos e insegurança tendem a comprometer o desempenho acadêmico, contribuindo para desmotivação, dificuldades de aprendizagem e abandono escolar. Nesse sentido, torna-se fundamental que o enfrentamento da violência escolar seja tratado como uma prioridade nas políticas públicas educacionais. A construção de ambientes escolares seguros e inclusivos depende da atuação conjunta da escola, da família, da comunidade e do Estado.

Além disso, é necessário investir em estratégias pedagógicas que promovam o diálogo, o respeito e a convivência pacífica entre os diferentes atores do ambiente escolar. Somente por meio de ações integradas será possível reduzir os impactos da violência nas escolas e garantir melhores condições para o desenvolvimento educacional dos estudantes. Em suma, que esse artigo contribuirá para a discussão voltadas às questões de clima escolar, segurança escolar, violência no contexto escolar e no ambiente escolar.

Este estudo buscou compreender esse fenômeno em diversas perspectivas e visões de autores tradicionais e contemporâneos na área da Educação, sociologia e sociologia da educação, psicologia. Neste sentido, o artigo oferece uma reflexão empírica, analítica e crítica do ponto de vista acadêmico e social na compreensão deste fenômeno social, recorrente nas instituições de ensino de modo geral.

**Referências**

ABRAMOVAY, Miriam (coord.). **Diagnóstico participativo das violências nas escolas**: falam os jovens. Rio de Janeiro: Flacso, 2016.

ABRAMOVAY, Miriam. Debate: violência, mediação e convivência na escola. *In*: **Debate: violência, mediação e convivência na escola**. Brasília, DF: Ministério da Educação/TV Escola, 2005. p. 3-10. Disponível em: https://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/215810_Debate_Violencia.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

ADORNO, Sérgio. **A socialização incompleta**: os jovens delinquentes expulsos da escola. Campinas: Papirus, 1992.

ANDRADE, Fernando Cézar Bezerra. Competência docente para gestão de conflitos: inspirações freirianas. *In*: SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). **Paulo Freire: teorias e práticas em educação popular**: escola pública, inclusão, humanização. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 90-105.

AQUINO ARRÚA, Ana Luiza et al. Violência escolar. **Revista Psicologia & Saberes**, Maceió, v. 8, n. 10, p. 170-177, 2019. DOI: 10.3333/ps.v8i10.884. Disponível em: https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/884. Acesso em: 17 jun. 2025.

BACCHETTO, João Galvão. **Construindo um indicador sobre ocorrência de violência nas escolas no Saeb**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Ataques às escolas no Brasil**: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Brasília, DF: MEC, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf. Acesso em: 22 jul. 2025.

BRASIL. Senado Federal. **Temor de violência nas escolas atinge 90% dos brasileiros, aponta o DataSenado**. Brasília, DF: Senado Federal, 2023. Disponível em: https://x.gd/OQw9s. Acesso em: 22 mar. 2025.

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes; SANTOS JUNIOR, Francisco Ribeiro dos. A violência escolar como fenômeno global e local: o Estado da Paraíba em perspectiva. **Revista Administração Educacional**, Recife, v. 14, n. 2, p. 56-74, jul./dez. 2024.

CAMPOS, Edvaldo Antonio Lopes; BRITO, Eliana. Violência escolar: uma análise epidemiológica das publicações brasileiras. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 2, p. e21776, 2019. DOI: 10.48075/rt.v13i2.21776. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/21776. Acesso em: 21 jul. 2025.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam a questão. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002.

CHRISPINO, Álvaro; MELO, Triana Basto; CHRISPINO, Raiane Pires. Violências escolares: uma revisão da literatura baseada na análise de redes sociais. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://x.gd/bPDxw. Acesso em: 4 jun. 2025.

DEBARBIEUX, Éric. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. *In*: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (org.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília, DF: UNESCO, 2002. p. 59-87.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução: Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1973.

FANTE, Cléo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

FURLONG, Michael; MORRISON, Gail. The school in school violence: definitions and facts. **Journal of Emotional and Behavioral Disorders**, Austin, v. 8, n. 2, p. 71-82, 2000.

GUIMARÃES, Áurea Maria. Escola: espaço de violência e indisciplina. **Nas Redes da Educação**, São Paulo, 2017. Disponível em: https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/escola-espaco-de-violenciae-indisciplina,db903757-b808-4b3c-bba8-d3de40a02397. Acesso em: 29 jul. 2025.

MARSIGLIA, Tânia. **Violência e tolerância na escola**: perspectiva das produções acadêmicas. 2015. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

MICHAUD, Yves. **A violência**. Tradução: L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.

MONTEIRO, Tatiana de Andrade; SARAVALI, Eliane Giachetto. As causas da violência segundo a visão de crianças e adolescentes. **Revista LEVS**, Marília, v. 6, n. 6, p. 75-89, 2010. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/entities/publication/c8c97fae-d354-422c-afa8-9e42f82daaa7. Acesso em: 21 jul. 2025.

NOGUEIRA, Rita de Cássia Dias Pereira de Alencar. **Violências nas escolas e juventude**: um estudo sobre o bullying escolar. 2007. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

NUNES, Marcos de Oliveira. Ataques em escolas e o discurso de ódio entre jovens. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 47-70, 24 jun. 2025.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**: what we know and what we can do. Oxford: Blackwell, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: OMS, 2002. Disponível em: https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude-1.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025.
PAIN, Jacques. Os desafios da escola em face da violência e da globalização: submeter-se ou resistir. *In*: SILVA, João Maria Avelino; SALLES, Leila Maria Ferreira (org.). **Jovens, violência e escola**: um desafio contemporâneo. São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. p. 6-27.

PASSOS, Sônia Maria da Silva; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MEDEIROS, Emerson Augusto de Moraes. Violência na escola pública: o que apontam teses e dissertações (2012–2019)? **Revista Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. 3, p. 2843-2860, set./dez. 2021.

PEREIRA, Marisa Helena da Silva. **Violência e cotidiano escolar**: contribuições da psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2002.

PULCINO, Rogério; FERRARI, Anderson; TEIXEIRA, Pedro. Violências e educação: resistências e inventividades ao pânico moral, aos ataques nas mídias e às ameaças às escolas. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 1-7, 24 jun. 2025.

SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; RODRIGUES, Maria Karoline Santos. Violência na escola: sentidos no contexto da prática. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 20, n. 2, p. 1-18, 2015. Disponível em: http://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/1020. Acesso em: 10 jul. 2025.

SCHILLING, Flávia. **Sociedade da insegurança e violência na escola**. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

SILVA, Camila Beatriz Garcia da; BORTOT, Célia Maria. Violências e cultura de paz nas escolas. **Imagens da Educação**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 23-46, 24 jun. 2025.

SILVA, Glaucia Ribeiro. **O território da incivilidade na manifestação da violência escolar**: um olhar nas violências intramurais. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/23350. Acesso em: 12 mar. 2026.

SILVA, Paulo Roberto Vinicius; CASCO, Reginaldo. Violência escolar e responsabilização. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, Guarulhos, v. 9, n. 1, p. 213-235, 2021. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/11621. Acesso em: 23 jul. 2025.

SPINK, Mary Jane. O discurso da exclusão. *In*: SPINK, Mary Jane (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 305-309.

SPOSITO, Marilia Pontes. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 104, p. 58-75, 1998.

SPOSITO, Marilia Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p. 45-55, 2010.

TAVARES SANTOS, Jean Mac Cole; PEREIRA, Milene Rejane; RODRIGUES, Érica Renata Clemente. Violência na escola: considerações a partir da formação docente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 573-590, 2013. DOI: 10.5007/2175-795X.2013v31n2p573. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2013v31n2p573. Acesso em: 27 jul. 2025.

VINHA, Telma. **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil**: causas e caminhos. São Paulo: D3e, 2023.

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. **Tempo Social**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 5-41, maio 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ts/a/S4WmjGyW3Bqxd7Y6GYcPVhN/. Acesso em: 20 fev. 2026.

ZALUAR, Alba (org.). **Violência e educação**. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez, 1992.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 145-164, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/LcB3j3vkRWGw9YtcbFxrTwC/?lang=pt. Acesso em: 20 jul. 2025.

**Sobre os autores**

**Manuel Mfinda Pedro Marques**. Especialista em Sustentabilidade pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Licenciado em Sociologia e Bacharel Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).
Contribuição de autoria: Autor principal, escrita e revisão.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7699213081968733

**José Rodrigues Jamba Segunda**. Doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental pela UDESC, Mestre em Ciências Sociais pela UFRN, Bacharel em Relações Internacionais e Bacharel em Humanidades ambas pela mesma instituição UNILAB.
Contribuição de autoria: Escrita, revisão do texto.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/1275526039518921

**Como citar este artigo**

MARQUES, Manuel Mfinda Pedro; SEGUNDA, José Rodrigues Jamba. A violência escolar sob o olhar sociológico: uma revisão teórica sobre seus impactos no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 5 n. 5, 2026. DOI: 10.22481/redupa.v5i5.21088